

## Capítulo I

### FISIONOMIAS PARISIENSES

Um dos espectáculos que pode provocar maior espanto é certamente o aspecto geral da população parisiense, povo horrível de observar, lívido, amarelado e trigueiro. Paris é um vasto campo incessantemente removido por uma tempestade de interesses sob a qual turbilhona uma seara de homens que a morte ceifa com mais frequência que noutra lugar e que renascem sempre tão numerosos como eram — homens cujos rostos desfigurados e contorcidos mostram, por todos os poros do espírito, os desejos e os venenos que preenchem os seus cérebros. Não se trata de rostos, mas de máscaras. Máscaras de fraqueza, máscaras de força, máscaras de miséria, máscaras de alegria, máscaras de hipocrisia; e todos extenuados, todos marcados pelos sinais indeléveis duma ofegante avidez. Que querem eles? Ouro ou prazer?

Algumas observações sobre a alma de Paris podem explicar as causas da sua fisionomia cadavérica, que só tem duas idades, ou a juventude ou a caducidade: juventude pálida e sem cor, caducidade disfarçada que quer parecer jovem. Vendo esse povo desenterrado, os estrangeiros, que não são obrigados a reflectir, sentem primeiro um movimento de desgosto por esta capital, vasta oficina de prazeres, donde em breve eles próprios não poderão sair e onde ficarão a deformar-se voluntariamente. Poucas palavras são precisas para justificar fisiologicamente a tez quase infernal dos

rostos parisienses, porque não é somente por brincadeira que a Paris foi dado o nome de inferno. Tende esta asserção por verdadeira. Lá tudo fumeja, tudo queima, tudo brilha, tudo ferve, tudo flameja, se evapora, se extingue, se torna a acender, resplandece, crepita e se contorce. Em nenhum país nenhuma vida foi mais ardente nem mais pungente. Esta natureza social sempre em fusão parece dizer a si própria, depois de finda cada obra: «Outra, venha outra!», como diz a si mesma a própria Natureza. Como a Natureza, esta natureza social ocupa-se de insectos, das flores de um dia, de bagatelas efémeras, e lança também fogo e chamas pela sua cratera eterna. Talvez antes de analisar as causas que dão uma fisionomia especial a cada tribo desta nação inteligente e instável se deva assinalar a causa geral que descolora, enlvidece, azula e queima mais ou menos os indivíduos.

À força de se interessar por tudo, o Parisiense acaba por não se interessar por nada. Não predominando nenhum sentimento sobre a sua face gasta pela fricção, ela torna-se cinzenta como as paredes das casas que receberam toda a espécie de poeira e de fumo. Com efeito, indiferente na véspera ao que o entusiasmará no dia seguinte, o Parisiense vive como uma criança, seja qual for a sua idade. Ele fala de tudo, consola-se com tudo, troça de tudo, esquece tudo, quer tudo, saboreia tudo, toma tudo com paixão e deixa tudo com desinteresse: os seus reis, as suas conquistas, a sua glória e os seus ídolos, sejam de bronze ou de vidro, como atira fora as suas meias, os seus chapéus e a sua fortuna. Em Paris nenhum sentimento resiste ao impulso das coisas e esta corrente obriga a uma luta que afrouxa as paixões: em Paris o amor é desejo e o ódio uma veleidade; não tem verdadeira família que não seja a das notas de mil francos, nem outro amigo além das casas de prego. Esta indiferença geral produz os seus frutos; e tanto nos salões como nas ruas ninguém é de mais, ninguém é absolutamente útil nem absolutamente prejudicial: tanto os tolos e os vigaristas como as pessoas esclarecidas e honestas. Tudo é lá tolerado, o governo e a guilhotina, a religião e a cólera. Vós convindes sempre a esse mundo, mas nunca lhe fazeis falta. Quem domina, portanto, nesse país sem costumes, sem crença e sem nenhum sen-

timento, mas donde partem e para onde convergem todos os sentimentos, todas as crenças e todos os costumes? O ouro e o prazer. Tomai estas duas palavras como uma luz e percorrei essa grande gaiola de gesso, esse enxame de regatozinhos negros e segui os meandros desse pensamento que a agita, a domina e a preocupa. Vede. Examinai primeiro a gente que não tem nada.

O operário, o proletário, o homem que mexe os pés, as mãos, a língua, as costas, o único braço e os cinco dedos para viver; pois bem: esse que, primeiro que qualquer outro, devia economizar o princípio da sua vida excede as suas forças, atrela a mulher a qualquer máquina, gasta os seus filhos e prende-os a uma engrenagem. O fabricante, esse não sei que fio secundário, que, com o seu impulso inicial agita o povo, que com as suas mãos sujas molda e doura as porcelanas, cose os fatos e os vestidos, adelgaça o ferro, afeiçoa a madeira, solidifica o aço, tece o cânhamo e os fios, pule o bronze, afestoa o cristal, imita as flores, borda a lã, ensina os cavalos, faz os arneses e os cairéis, talha o cobre, pinta os carros, arredonda os velhos ulmeiros<sup>1</sup>, vaporiza o algodão, sopra as telhas, lapida o diamante, pule os metais, transforma em folhas o mármore, afeiçoa as pedras, atavia o pensamento, colora, embranquece e enegrece tudo; pois bem, esse subchefe veio prometer a esse mundo de suor e de vontade, de estudo e de paciência um salário excessivo, seja em nome dos caprichos da cidade, seja ao mando dum monstro chamado Especulação. Então esses quadrúmanos põem-se a perder as noites, a padecer, a trabalhar, a praguejar, a jejuar e a caminhar. Todos excederam as suas forças para ganhar esse ouro que os fascina. Depois, despreocupados com o futuro, ávidos de prazeres, contando com os seus braços como o pintor com a sua paleta, lançam, grandes senhores de um dia, à segunda-feira o seu dinheiro nas tabernas e fazem um círculo de lama à cidade — cinto da mais impudica das Vénus, incessantemente dobrado e desdobrado, onde se perde, como no jogo, a fortuna periódica desse povo, tão feroz no prazer como tranquilo no trabalho. Durante cinco dias, portanto, nenhum repouso para essa parte actuante de Paris! Ele entrega-se a movimentos que o fazem deformar-se, engordar e emagrecer,

empalidecer e jorrar em mil jactos de vontade criadora. Depois o seu prazer, o seu repouso, uma fatigante intemperança, escura de pele negra de pancadas, lívida de embriaguez ou amarela de indigestão, que dura apenas dois dias mas que rouba o pão do futuro, a sopa da semana, os vestidos da mulher e os vestidos infantis dos filhos todos em farrapos. Esses homens, nascidos certamente para serem belos, porque toda a criatura tem a sua beleza relativa, estão arregimentados desde a infância sob o comando da força, sob o reino do martelo, das cisalhas, dos teares, e estão absolutamente vulcanizados. Vulcano, com a sua fealdade e a sua força, é o emblema dessa feia e forte nação, sublime de inteligência mecânica, paciente em certas horas, terrível um dia por século, inflamável como a pólvora, e preparada para o incêndio revolucionário, pelo álcool, e contudo bastante espiritual para se entusiasmar por uma palavra capciosa que para ela significa sempre ouro e prazer. Incluindo todos os que estendem a mão a uma esmola, aos legítimos salários ou aos cinco francos concedidos a todos os gêneros de prostituição parisiense, enfim, a todo o dinheiro bem ou mal ganho, esse povo conta trezentos mil indivíduos. Não seria o Governo, sem as tabernas, derrubado todas as terças-feiras? Felizmente, às terças-feiras esse povo está entorpecido, digere os seus prazeres, não tem vintém e regressa ao trabalho e ao pão seco, estimulado por uma necessidade de procriação material que para ele se tornou um hábito. Contudo, esse povo tem os seus fenómenos de virtude, os seus homens completos, os seus Napoleões desconhecidos, que são o tipo das suas forças levadas à sua mais alta expressão, resumindo o seu alcance social numa existência onde o pensamento e o movimento se combinam menos para criar alegria do que para regularizar a acção da dor.

O acaso fez um operário económico, o acaso concedeu-lhe um pensamento, ele pôde lançar os olhos para o futuro, encontrou uma mulher, foi pai, e depois de alguns anos de duras privações montou um pequeno comércio de capelista e alugou uma loja. Se nem a doença nem o vício o interromperam neste caminho, se ele prosperou, estamos em presença do esboço de uma vida normal.

Antes de mais, saudemos este rei do movimento parisiense que submeteu o tempo e o espaço. Sim, saudemos esta criatura composta de salitre e de gás<sup>1</sup> que dá filhos à França durante as suas noites laboriosas e multiplica a sua pessoa durante o dia para o serviço, a glória e o prazer dos seus concidadãos. Este homem resolve o problema de bastar ao mesmo tempo à sua amável mulher, ao seu lar, ao Constitucional\*, à sua loja, à Guarda Nacional, à Ópera e a Deus, mas para transformar em escudos o Constitucional, a loja, a Ópera, a Guarda Nacional\*\*, a mulher e Deus. Enfim, saudai um irrepreensível acumulador<sup>2</sup>. Erguido todos os dias às cinco horas da manhã, ele percorre como um pássaro o espaço que separa o seu domicílio da Rua de Montmartre. Quer vente ou troveje, chova ou neve, ele vai para o Constitucional e aí espera a carga de jornais de cuja distribuição se encarregou. Recebe o seu pão político com avidez, toma-o e leva-o. Às nove horas está no seio do seu lar, diz um trocadilho à mulher, dá-lhe uma beijoca, saboreia uma xícara de café ou ralha com os filhos. Às dez menos um quarto aparece no Conselho Municipal. Aí, sentado num cadeirão como um papagaio no seu poleiro, inscreve até às quatro horas, sem que isso lhe cause uma lágrima ou um sorriso, os óbitos e os nascimentos de um bairro inteiro. A felicidade e a infelicidade do bairro passam pelo bico da sua pena como o espírito do Constitucional viajava outrora sobre os seus ombros. Nada lhe pesa! Caminha sempre a direito, toma o seu patriotismo já feito pelo jornal, não contradiz ninguém, grita ou aplaude com toda a gente e vive como uma andorinha. Vivendo a dois passos da sua paróquia, pode, no caso de uma cerimónia importante, deixar o seu lugar a um substituto e ir cantar um requiem no coro da igreja de que ele é, aos domingos e dias santificados, o mais belo or-

\* O Constitucional, que no tempo da Restauração adoptou, aliás com prudência, uma atitude de oposição liberal, estava naturalmente destinado a tornar-se, sob a monarquia de Julho, órgão da burguesia no Poder. (N. T.)

\*\* A partir de 1830, todos os cidadãos deviam prestar alternadamente uns dias de serviço na Guarda Nacional; recebiam um soldo por este serviço obrigatório. Sabe-se que Balzac esteve preso alguns dias em 1836 por se ter esquivado a isso. (N. T.)